



---

## A NOÇÃO DE ANGÚSTIA NA OBRA *O CONCEITO DE ANGÚSTIA DE KIERKEGAARD*

Hyago Porllan Bezerra Magalhães<sup>1</sup>

Aluísio Miranda von Zuben<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem por objetivo apresentar a noção de angústia na filosofia de Sören A. Kierkegaard, tendo como base a obra *O conceito de angústia*. Angústia é um sentimento sempre presente na vida do ser humano, mesmo quando não está evidente. Nesse sentido, a problemática central é verificar de que modo se dá a angústia no indivíduo. Para isso, se fez necessário considerar o existencialismo em geral e as principais características do existencialismo de Kierkegaard. Explicou-se a noção de angústia, o modo de sua manifestação no indivíduo e como Kierkegaard utiliza da narrativa de Adão e do pecado hereditário para explicá-la. Tratou-se também da relação entre angústia, liberdade e porvir. Por fim, indicou-se as consequências da angústia na vida do indivíduo e como a fé pode influenciar na vivência deste sentimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kierkegaard; Angústia; Existência; Liberdade; Fé.

Sören Aabye Kierkegaard foi um filósofo dinamarquês, considerado “o pai do existencialismo”, pois apresenta uma nova perspectiva no pensamento<sup>3</sup>. O existencialismo nasce a partir da influência dos principais temas de Kierkegaard, mesmo que eles tenham sofrido diversas interpretações diferentes<sup>4</sup>. O estudioso enfatizou e defendeu a singularidade e as diversas possibilidades do indivíduo, assim como a forma com a qual o indivíduo se coloca diante dessas possibilidades. Kierkegaard nunca teve o intuito de se colocar como um filósofo, pois seu principal objetivo era buscar um

---

<sup>1</sup> Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e estudante de teologia no Claretiano – Centro Universitário. Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Aluísio Miranda von Zuben. E-mail: hyagoporllan@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: amvonzuben@yahoo.com.br

<sup>3</sup> SOLÉ, Joan. *Kierkegaard: o primeiro existencialista*. São Paulo: Salvat, 2015, p. 12.

<sup>4</sup> GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975, p. 5.

comprometimento dos indivíduos para com o cristianismo<sup>5</sup> que, na época, estava com o seu foco principal distorcido. Com isso, também procurava fundamento para a existência humana em sua constante mudança<sup>6</sup>.

Para compreendermos a filosofia de Kierkegaard, é necessário analisar alguns pontos importantes da sua biografia. Uma particularidade em suas obras é que ele utiliza de pseudônimos para demonstrar um certo distanciamento de questões filosóficas que ele considerava importante para chegar à verdade existencial, mas com as quais ele não se identificava por completo e também para uma apresentação mais cuidadosa dessas questões<sup>7</sup>. Outro ponto relevante é que ele dá exemplos que remetem à sua própria vida para explicar a questão existencial<sup>8</sup>.

Kierkegaard nasceu em Copenhague, capital da Dinamarca no dia 5 de maio de 1813, época em que a cidade possuía uma presença muito forte da religião que dominava até mesmo as relações sociais e a política<sup>9</sup>. Além dessa educação cristã que enfatizava o pecado, sobretudo com relação à sexualidade, Kierkegaard também herda de seu pai uma certa melancolia e tristeza, fruto de um ambiente religioso permeado pelo peso da culpa<sup>10</sup>. No entanto, durante os seus últimos anos de vida, Kierkegaard desencadeou um conflito direto com a igreja dinamarquesa, a Igreja Evangélica Luterana, acusando-a de ter corrompido a mensagem do cristianismo<sup>11</sup>. Kierkegaard faz uma distinção entre o cristianismo e a cristandade e se opõe ao cristianismo que estava voltado para as ideias do mundo e não para as ideias de Deus, como era a cristandade. O autor faz essa crítica, pois não concordava que a religião fosse um instrumento de manutenção do Estado, pois isso vai contra a base do cristianismo<sup>12</sup>. Kierkegaard veio a falecer em 11 de outubro de 1855<sup>13</sup>.

---

<sup>5</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e tremor*. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 2018, p. 20.

<sup>6</sup> PRADEAU, Jean-Fraçois. *História da filosofia*. Tradução de James Bastos Arêas e Noéli Carreia de Melo Sobrinho. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 379.

<sup>7</sup> SOLÉ, Joan. *Kierkegaard - o primeiro existencialista*. São Paulo: Salvat, 2015, p. 39.

<sup>8</sup> PRADEAU, Jean-Fraçois. *História da filosofia*. Tradução de James Bastos Arêas e Noéli Carreia de Melo Sobrinho. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 380.

<sup>9</sup> SOLÉ, Joan. *Kierkegaard: o primeiro existencialista*. São Paulo: Salvat, 2015, p. 28.

<sup>10</sup> GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975. p. 6.

<sup>11</sup> SOLÉ, Joan. *Kierkegaard: o primeiro existencialista*. São Paulo: Salvat, 2015, p. 14.

<sup>12</sup> VIEIRA, Agnaldo da Silva. *Fé e política em Kierkegaard, à luz da sua obra "temor e tremor"*. 2017. Dissertação (Mestrado em teologia) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017, p. 15.

<sup>13</sup> ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução de António Ramos Rosa, António Borges Coelho e Armando da Silva Carvalho. 5. ed. Lisboa: Presença, 2000. v. 8. (Coleção história da filosofia), p. 154.

A partir da análise da filosofia presente em seu tempo, Kierkegaard fundamenta seu pensamento e isso o levará a fazer algumas críticas ao pensamento de Hegel, por colocar o indivíduo em um sistema universal. Kierkegaard defendia que cada indivíduo possui singularidade. Para ele o existir pressupõe devir, mas Hegel quer fazer a relação dialética do devir com a lógica. Kierkegaard se coloca contrário a essa ideia, porque “não pode haver sistema da existência”<sup>14</sup>. Kierkegaard se opõe a alguns temas do idealismo, sobretudo, ao defender a singularidade do homem contra a universalidade do espírito em Hegel; também o da existência em oposição a razão; das alternativas inconciliáveis contra a síntese conciliadora da dialética; da liberdade como possibilidade em oposição a ideia de liberdade enquanto necessidade; e enquanto a possibilidade em si<sup>15</sup>.

Segundo Kierkegaard, o indivíduo escolhe o “seu eu” a partir dos seus atos, mesmo que esse “eu” se evidencie apenas diante daquela determinada escolha. Sendo assim, realiza-se a liberdade deliberada pelo fato, o que demonstra a estrutura paradoxal da existência. Contudo, pela segurança da sua liberdade que é obtida pela relação divina e da transparência de si, o indivíduo deve suspender o pensamento e dar um “salto na fé”<sup>16</sup>.

Em seus escritos, Kierkegaard buscou esclarecer as possibilidades fundamentais que são oferecidas ao homem e aquilo que constitui as alternativas da existência, pelas quais o indivíduo é levado a escolher, como por exemplo, os estádios e os momentos da vida. Mas foi no cristianismo que Kierkegaard encontrou de fato subsídios que levam à salvação, na medida em que o cristianismo apresentava doutrinas que, para ele, pareciam claramente ser a mesma doutrina da existência que ele defendia e acreditava ser única e verdadeira. Ao mesmo tempo, o cristianismo, por meio da fé e do sobrenatural, oferecia métodos para diminuir o peso de uma escolha excessivamente dolorosa.

## **1. A angústia: condição do ser humano**

A angústia é um sentimento que por mais que não seja aceito, ele está presente na vida de todo ser humano e o acompanha em toda a sua história<sup>17</sup>. As pessoas vivem em um

---

<sup>14</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Pós-escritos às migalhas filosóficas*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 1. p. 113.

<sup>15</sup> ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução de Antônio Ramos Rosa, Antônio Borges Coelho e Armando da Silva Carvalho. 5. ed. Lisboa: Presença, 2000. v. 8. (Coleção história da filosofia), p. 153.

<sup>16</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Pós-escritos às migalhas filosóficas*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 1. p. 203.

<sup>17</sup> LEITE, Sonia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Coleção passo a passo), p. 6.

constante vazio interior, buscando o sentido de suas vidas e com isso vivem grandes conflitos interiores. O homem vive em um ativismo constante para não ter que olhar para dentro de si mesmo, pois ao deparar-se com o seu interior, torna-se cada vez mais angustiado e deprimido. Por medo das consequências, nós não somos mais capazes de sonhar e arriscar um passo além do nosso comodismo. Com isso, o ser humano se torna dependente do mundo e conseqüentemente a vida vai tornando-se um peso, o que leva o homem a entrar em um profundo desespero por não saber lidar com as suas angústias. Entretanto, segundo Gouvêa citado por Fabiano Campos, “a angústia também pode ser vista como algo positivo na medida em que nos ajuda a entender quem somos, onde estamos e para onde devemos ir”<sup>18</sup>.

A palavra angústia é de origem grega “ANGOR” e possui derivação do latim ANGUSTUS, que significa “estreitamento”<sup>19</sup>. Em outras palavras, a angústia é uma aflição, emoção ou pressão interna, isto é, um estado emocional que apresenta como principal característica a tristeza ou medo diante do desconhecido. Outras definições mais claras podem ser encontradas em alguns dicionários como o Larousse Cultural que apresenta a angústia como ansiedade física, acompanhada de opressão dolorosa; agonia, ansiedade, apreensão, aperto. Ou também inquietude profunda que oprime o coração<sup>20</sup>.

O dicionário Abbagnano traz uma definição que colabora com a reflexão e a definição de angústia ao afirmar:

No seu significado filosófico, isto é, como atitude do homem em face de sua situação no mundo, esse termo foi introduzido por Kierkegaard em Conceito de angústia (1844). A raiz da angústia é a existência como possibilidade. Ao contrário do temor e de outros estados análogos, que sempre se referem a algo determinado, a angústia não se refere a nada preciso: é o sentimento puro da possibilidade. O homem no mundo vive de possibilidade, já que a possibilidade é a dimensão do futuro e o homem vive continuamente debruçado sobre o futuro<sup>21</sup>.

Segundo Kierkegaard, no mundo tudo é possível, isto é, tanto são possíveis as realizações, como também é possível o fracasso e o desastre. E diante dessas diversas possibilidades é que surge a angústia, a qual é parte essencial da própria espiritualidade

---

<sup>18</sup> CAMPOS, F. V. O conceito de angústia como reflexão filosófica sobre a liberdade humana. *Sapere Aude*, v. 8, n. 15, 22 jul. 2017, p. 189.

<sup>19</sup> *Gramática.com*. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-angustia/#:~:text=A%20palavra%20E2%80%9Cang%C3%BAstia%E2%80%9D%20tem%20a,%2C%20oprimir%2C%20apertar%20a%20garganta>. Acesso em 18 set. 2020.

<sup>20</sup> ANGÚSTIA. In: SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino Português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993, p. 1297.

<sup>21</sup> ANGÚSTIA. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

do homem, pois somente ele é capaz de reconhecer esse sentimento de angústia em si. Já os animais e os anjos não possuem essa capacidade<sup>22</sup>.

### 1.1. A angústia e o pecado hereditário

Na obra *O conceito de angústia*, o filósofo Kierkegaard apresenta a angústia como consequência do pecado original, narrativa esta que é muito conhecida pelos cristãos e que pode ser encontrada no capítulo 3 do livro de Gênesis da Sagrada Escritura. Mas Kierkegaard, apesar de ser um cristão, não utiliza dessa vertente para desenvolver sua obra. Ele considera o pecado original como um fato histórico e com isso apresenta que é uma condição humana. No entanto, Kierkegaard discorda da história tradicional de que Adão é o responsável pelo pecado de toda história humana. Isso porque para o autor, a pecaminosidade não entrou no mundo através de Adão, mas adentrou a partir de cada indivíduo que comete o pecado<sup>23</sup>.

As religiões defendem que o pecado original é passado para as pessoas, e que os seus pecados estão no presente. A partir disso, Kierkegaard expressa sua reflexão de que para Adão o primeiro pecado é o presente para ele, e, portanto, esse pecado equivale ao pecado de qualquer outro indivíduo. Desta forma, o pecado hereditário não existiu para Adão, pois sendo passado, não pode existir na pessoa de Adão. Portanto, o pecado de Adão é apenas o pecado dele, puro e simples, como de qualquer outro homem<sup>24</sup>. Não é um pecado de todo gênero humano, mas um pecado dele enquanto indivíduo.

Percebemos que para Kierkegaard, Adão deve ser incluído no gênero humano e ter o mesmo significado e a mesma importância que qualquer outro indivíduo, já que o pecado entra no mundo a partir do primeiro pecado de qualquer indivíduo. Kierkegaard afirma:

Com o primeiro pecado, entrou o pecado no mundo. Exatamente do mesmo modo vale isso a respeito do primeiro pecado de qualquer homem posterior, que com este o pecado entra no mundo. Dizer, contudo, que não existia pecado antes do pecado de Adão, é uma reflexão não apenas inteiramente casual e sem relevância no que concerne ao pecado em si, como também totalmente destituída de significado e de direito de tornar maior o pecado de Adão ou menor o primeiro pecado de qualquer outro ser humano<sup>25</sup>.

---

<sup>22</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia*: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso), p. 45.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 33.

Kierkegaard afirma que Adão, assim como todos os homens descendentes dele, são eles mesmos e toda a espécie humana ao mesmo tempo, isto é, são indivíduos únicos, mas que participam da história da humanidade<sup>26</sup>. Sendo Adão do gênero humano, se outro homem existisse, mas não descendesse de Adão, ele não participaria da história e assim não se tornaria humanidade, e conseqüentemente, não se tornaria indivíduo também. Seria apenas uma repetição vazia, sendo somente ele mesmo, mas nunca sendo ele mesmo e o gênero humano. Com isso, não participaria de nenhuma história a não ser a dele mesmo.

No entanto, a história da humanidade que conhecemos é fruto de uma descendência, que de geração em geração mantém a sua essência enquanto espécie humana. A humanidade participa totalmente do indivíduo e o indivíduo participa de todo o gênero humano. Há uma relação que acontece apenas entre os seres humanos. Os animais podem viver longe de outros animais da sua espécie, mas os seres humanos não conseguem viver distante da sua<sup>27</sup>. Isso porque todos os indivíduos possuem uma história e conseqüentemente essa história pertence ao gênero humano, e assim, a história de um indivíduo sempre influencia na história do outro.

O indivíduo é ele mesmo e o gênero humano, mas enquanto o gênero humano progride sem possuir um fim, o indivíduo sempre principia de um começo, isto é, a história do indivíduo sempre se inicia dentro da história do gênero humano, que já teve seu início há muito tempo<sup>28</sup>. O gênero humano não recomeça com cada indivíduo, mas cada indivíduo começa no gênero humano. É como se fosse um ponto que é colocado no centro de uma linha reta.

Kierkegaard expõe ainda que o estado de inocência antecede tanto a história individual, como a história universal do gênero humano em Adão. Seguindo essa ideia, o autor afirma que o indivíduo só começa a se diferenciar e a fazer as escolhas entre o bem e o mal a partir do momento em que ele toma consciência de si mesmo. Esse fato é chamado por Kierkegaard de “salto qualitativo” que leva o indivíduo da inocência para o pecado, isto é, leva do desconhecimento ao conhecimento. Somente a partir desse salto é que o indivíduo conhece o pecado, e assim, pode fazer parte da história da humanidade<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso), p. 31.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 35.

Com o salto qualitativo que acontece a partir do primeiro pecado de cada um, o indivíduo entra na pecaminosidade e toma conhecimento do pecado, por meio de um salto qualitativo. Por isso, como já vimos, dizer que o pecado entrou no mundo a partir de Adão é um equívoco segundo o autor, pois falar isso tornaria Adão toda a espécie humana. Mas quando o colocamos como indivíduo, significa dizer que o próprio indivíduo coloca a pecaminosidade no mundo a partir de uma determinação qualitativa, que teve início em Adão<sup>30</sup>, mas que é dada continuidade até os dias atuais.

Para Kierkegaard, um dos primeiros saltos do indivíduo é diferenciar a sexualidade, pois assim como acontece com as crianças, em Adão e Eva, a diferença entre os gêneros masculino e feminino existe na inocência, mas eles não sabiam essa diferença. É importante ressaltar que o cristianismo, por muito tempo, considerou a sexualidade como pecado, mesmo que o ato sexual não fosse considerado uma pecaminosidade. Kierkegaard, no entanto, apresenta que a pecaminosidade não é a sensualidade em si. Ao mesmo tempo, sem o pecado não há a sexualidade, e sem a sexualidade, não há história da humanidade<sup>31</sup>.

O indivíduo ao tomar consciência de si, começa a distinguir o bem do mal. Com isso ele se encontra com a realidade do pecado nele presente. Entretanto, é difícil admitir que o mal é fruto de si mesmo<sup>32</sup>. Por isso, ao se perceber em uma realidade que ele não escolheu e que, conseqüentemente, impossibilita a sua liberdade, o indivíduo se sente culpado e, em razão disso, encontra-se angustiado. Contudo, segundo Kierkegaard o pecado é uma realidade que não possui consistência, isto é, não possui uma estabilidade. Essa inconsistência se dá na medida em que o pecado possui dois lados, um que é a possibilidade que angustia, e a outra que é uma possibilidade de salvação, a qual na verdade é um nada que o indivíduo tanto ama, como teme. Nesse sentido, a angústia só é superada no momento em que a salvação é posta pelo indivíduo<sup>33</sup>.

Esta angústia que acompanha o pecado só existe quando o pecado está presente no indivíduo, mas ao mesmo tempo ela está presente na história qualitativa do gênero humano. Kierkegaard afirma que por isso é muito comum uma pessoa angustiar-se por si só, com um sentimento de culpa, o que não aconteceria de forma alguma em Adão, pois

---

<sup>30</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso), p. 59.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 58.

ele não conhecia o bem e o mal. Para melhor compreender a relação entre a angústia e o pecado, serão abordados os conceitos de inocência e de queda, presentes na obra de Kierkegaard.

### 1.1.1. Inocência e Queda

Para compreender o conceito de angústia enquanto condição humana, é importante passar por diversas questões da existência do homem. Como analisado anteriormente, Kierkegaard considera a existência como algo subjetivo. Partindo desse pressuposto, o autor também considera a angústia como algo subjetivo, pois ela pertence somente ao indivíduo. Com isso, o indivíduo passa por alguns estados que o auxiliam no seu descobrimento existencial.

O primeiro estado de vida do indivíduo é a inocência, onde ele não sabe diferenciar o bem do mal, assim como era com Adão e Eva na narrativa de Gênesis, quando eles não sabiam as consequências de suas escolhas e nem sabiam da sua inocência. Entretanto, a inocência surge apenas no momento em que o indivíduo a perde, pois ao perdê-la, o indivíduo toma consciência do desconhecido e deixa de ser ignorante, assim como aconteceu com Adão. É importante frisar que para Kierkegaard, somente a partir da queda, isto é, do salto qualitativo é que a inocência pode ser superada. Portanto, o primeiro salto qualitativo do indivíduo é passar do estado de desconhecimento para o estado de conhecimento<sup>34</sup>, cujo salto não se dá de forma gradativa, mas a partir de uma escolha intensa e definitiva.

Kierkegaard afirma que a inocência é a ignorância<sup>35</sup>. Com isso, há uma diferença entre a inocência de Adão e a de qualquer outro ser humano que veio depois dele. Isso porque a culpa de todo o gênero humano já está presente de forma quantitativa na inocência do sujeito. Essa parece ser uma forma fácil de explicar como o homem posterior perdeu a inocência. No entanto, nenhuma determinação quantitativa pode explicar o salto qualitativo<sup>36</sup>.

Kierkegaard diz ainda que as religiões analisam a queda, isto é, o pecado, como algo a ser abolido. Entretanto o autor afirma que a pecaminosidade precisa ser reconhecida

---

<sup>34</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso), p. 38.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 41.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 41.

como algo natural, e que não é espalhada entre as pessoas como uma epidemia<sup>37</sup>. A queda ao ser condicionada pela proibição, desperta a concupiscência. Mesmo que não seja possível compreender o porquê isso acontece, sabe-se apenas que durante toda a história da humanidade, o proibido atraiu o homem de alguma forma<sup>38</sup>.

## 2. Angústia e liberdade

A inocência na visão de Kierkegaard, nada mais é do que a ignorância, já que o homem estaria em um sonho até então<sup>39</sup>. Como já visto, nesse estado de inocência o indivíduo não consegue distinguir entre o bem e o mal, por isso ele desconhece o mundo e a si mesmo. Também para Kierkegaard, o homem é uma síntese do finito e do infinito e o que sustenta os dois é um terceiro elemento que é o espírito<sup>40</sup>, o qual se encontra nesse “estado de sonho”, pois até então é um espírito em potência que só se torna efetivo a partir do momento em que as pessoas realizam escolhas. Esse espírito consegue antever que nessa possibilidade de se efetivar haverá alguma mudança que ele ainda não consegue saber o que é, por isso a sensação de indefinição e ambiguidade diante das novas possibilidades que surgem gera um sentimento que Kierkegaard chama de angústia<sup>41</sup>.

No estado de sonho em que o espírito se encontra, tudo é absolutamente desconhecido, portanto, o indivíduo se encontra diante do nada. Kierkegaard afirma:

Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia. Este é o segredo profundo da inocência, que ela ao mesmo tempo é angústia. Sonhando, o espírito projeta sua própria realidade efetiva, mas esta realidade nada é, mas este nada a inocência vê continuamente fora dela<sup>42</sup>.

Nesse nada presente no sonho, isto é, na inocência, o indivíduo projeta a sua própria realidade, se encontra longe da verdade e com isso surge a angústia como uma qualificação do espírito sonhador<sup>43</sup>. Percebe-se, portanto, que a angústia é fundamentada pelo nada, pois ambos se equivalem constantemente à medida que o indivíduo diante das

---

<sup>37</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia*: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso), p. 42.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>40</sup> ROOS, Jonas. *10 lições sobre Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (Coleção 10 lições), p. 47.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 47-48.

<sup>42</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia*: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso), p. 45.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 45.

diversas possibilidades que lhe são apresentadas, se lança na procura de alguma coisa que o sustente. Nesta busca, ele encontra apenas um vácuo no qual se sente submerso na mais absoluta solidão e abandono<sup>44</sup>.

A partir da “projeção” que o indivíduo faz da sua própria realidade em meio ao nada, percebe-se que a angústia está totalmente relacionada com a possibilidade, pois ao mesmo tempo que não se conhece essa realidade, há uma incerteza, pois a qualquer momento tudo pode mudar. Dentro dessas incertezas está a possibilidade de liberdade. Essa incerteza faz o indivíduo sentir tanto felicidade como ódio, e isso gera a angústia, pois está diante de uma possibilidade.

Kierkegaard define a angústia como uma “realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”<sup>45</sup>, e nisso consiste a sua distinção com o medo. O medo está relacionado a algo determinado, ele possui um objeto claro, mas quando esse objeto é controlado, o medo acaba. Já a angústia existe diante do nada, de um medo sem objeto claro. A pessoa que se angustia, não sabe explicar o motivo, e por isso é mais difícil de ser controlada, porque não se sabe com o que a angústia está relacionada.

A possibilidade sempre se refere a algo que pode acontecer ou não, com isso o indivíduo não sabe ao certo as consequências de suas escolhas. Isso gera uma relação entre o nada e angústia de forma ambígua, isto é, nas palavras de Kierkegaard, a angústia torna-se “uma antipatia simpática e uma simpatia antipática”<sup>46</sup>. Esse sentimento paradoxal ocorre quando o indivíduo se sente bem no estado em que se encontra, mas ao mesmo tempo quer mudar esse estado. No entanto, ele não sabe para o que quer mudar e é nesse momento que surge a angústia, pois não sabe para onde quer ir. É um estado que atrai o indivíduo, mas que ao mesmo tempo dá medo. Mas também não é um estado nem de paz e nem de luta, pois, não tem contra o que lutar. O autor afirma ainda que a angústia presente na inocência não pode ser considerada como uma culpa, pois essa angústia pode ser harmonizada com a felicidade da inocência<sup>47</sup>.

Nas crianças a angústia se apresenta no desejo de se aventurar e conhecer coisas novas, de adentrar no mistério, pois isso as deixa incomodadas. Esse incômodo segundo Kierkegaard, nada mais é do que o espírito presente nelas, fazendo a relação entre o

---

<sup>44</sup> GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975. p. 44.

<sup>45</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 45.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 46.

psíquico e o corpóreo, isto é, a angústia se torna essa relação entre o homem e a relação do espírito consigo mesmo e com sua própria condição.

A partir da narrativa de Gênesis 3, Kierkegaard assegura que Adão se encontra angustiado ao ser proibido de comer do fruto da árvore das coisas boas e nocivas. Isso acontece porque a proibição despertou nele a possibilidade de liberdade<sup>48</sup>. Mesmo não sabendo o que é o bem e o mal, isto é, se encontrando em um estado de inocência, agora existe a possibilidade de “poder fazer” ou do “ser capaz de”, que é superior a ignorância e como uma manifestação superior à angústia. Por isso, ao mesmo tempo que ama essa possibilidade, ele também a odeia.

A inocência existe até que uma palavra de ordem surja, pois a partir disso a ignorância toma conta e conseqüentemente surge a angústia. Fato que fica claro na passagem de Gênesis quando Deus se dirige a Adão: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comerdes terás que morrer”<sup>49</sup>. Adão, no entanto, como já dito, vivia na inocência até então. Ele só teria conhecimento de fato ao transgredir essa ordem imposta por Deus. Deste modo, o salto qualitativo está diante da proibição de Deus. A transgressão para o autor é o estado que afeta ontologicamente o homem pela possibilidade de decidir. O homem já nasce com a possibilidade ontológica de decidir e escolher, e é nessa possibilidade que a angústia se dá pela multiplicidade de possibilidades. Por conseguinte, a angústia nunca é algo de forma concreta, mas sempre uma relação com a possibilidade. Ela está entre a possibilidade e a realidade<sup>50</sup>.

O que permanece em Adão é a angústia causada pela proibição, pela possibilidade de liberdade de comer ou não o fruto<sup>51</sup>. Aquela angústia do nada que estava escondida na inocência, agora se manifesta nele mesmo, ainda como um nada, mas também como uma angustiante possibilidade de ser-capaz-de<sup>52</sup>. Isso acontece mesmo que o indivíduo não

---

<sup>48</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 48.

<sup>49</sup> GÊNESIS. In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. Cap. 3, vers.16-17, p. 38.

<sup>50</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 54.

<sup>51</sup> ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução de Antônio Ramos Rosa, Antônio Borges Coelho e Armando da Silva Carvalho. 5. ed. Lisboa: Presença, 2000. v. 8. (Coleção história da filosofia), p. 155.

<sup>52</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 48.

saiba o que pode fazer, já que a tomada de consciência se dá apenas após a realização do ato, em que o indivíduo dá o salto qualitativo e deixa a inocência e vai em direção ao pecado.

No entanto, ao mesmo tempo que a proibição gera desejo no indivíduo, a ameaça do castigo representa para o homem algo horrível e assustador<sup>53</sup> e que causa uma certa confusão. Kierkegaard assegura que Adão, ao ouvir de Deus que se comesse do fruto proibido morreria, na verdade não sabia o que significava morrer. Aliás, segundo o autor, nenhuma pessoa sabe, visto que somos apenas espectadores. Entretanto, esse “castigo” apavora, assim como aconteceu com Adão. O horror se transformou em angústia, já que Adão não entendia o que significava morrer, e assim, havia inúmeras possibilidades diante dessa proibição. Com isso, a inocência chega ao seu ponto máximo, pois está presente na angústia, relacionando-se com aquilo que era proibido e que resultaria em um castigo.

## 2.1. O ser humano como síntese entre o temporal e o eterno

Como já apresentado, o ser humano é uma relação entre o corpo e a alma, cuja relação é sustentada pelo espírito. Mas, além disso, ele também é uma síntese entre o temporal e o eterno, sendo estes sustentados pelo instante, isto é, o instante é o ponto de encontro que faz a relação entre os dois. A vida humana tem o seu ponto inicial apenas no momento em que o instante é posto<sup>54</sup>. Isso se dá na medida em que o tempo passa a ser contado somente a partir do momento em que é posto um ponto fixo em meio a uma linha infinita, sendo delimitado a partir de passado e futuro.

O tempo é apenas uma sucessão infinita, pois a vida que pertence somente ao tempo não possui nenhum presente. É justamente aqui que reside a imperfeição da vida sensual. O eterno é que significa o presente isento de passado e futuro, e nisso é que compreende a sua perfeição<sup>55</sup>. O tempo também marca a existência humana. No entanto, no momento em que a autoconsciência e a autodeterminação tomam seu lugar, o homem passa a admirar a eternidade, enfrentando seus limites e suas possibilidades. O instante é a isenção

---

<sup>53</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 48.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 94.

paradoxal da eternidade no tempo, assim como o grande paradoxo do cristianismo de Jesus que, sendo Deus (eterno), se encarna (temporal)<sup>56</sup>.

Já que tudo é possível, o futuro não garante nenhuma certeza, e é justamente essa imensidão de incertezas que gera a angústia no indivíduo. Kierkegaard afirma que não há possibilidade de o indivíduo se angustiar com o passado, a menos que esse passado se relacione com o futuro, isto é, que algo do passado possa repetir-se novamente ou que se sinta culpado por algo. Kierkegaard afirma:

O passado, pelo qual eu deveria angustiar-me, deve estar numa relação de possibilidade para mim. Se me angustio por um infortúnio passado, não é por aquilo que passou, mas sim por algo que pode vir a repetir-se, isto é, vir a ser futuro. Quando tenho angústia em razão de alguma culpa passada, é porque não a coloquei numa relação essencial comigo como algo passado, e de uma ou outra maneira enganadora impeço-a de se tornar passada. Se, com efeito, ela está realmente passada, não poderei sentir angústia em relação a ela, mas apenas arrependimento. Se não faço isto, ter-me-ei permitido entabular uma relação dialética com a culpa, porém com isso a própria culpa ficou uma possibilidade, e não algo passado. Se me angustio diante do castigo, isso só ocorre na medida que este é colocado numa relação dialética com a culpa (de outro modo, suportar o meu castigo), e então sinto angústia pelo possível e pelo porvir<sup>57</sup>.

Percebe-se, portanto, que para Kierkegaard a angústia se dá somente diante do porvir. A única coisa que podemos ter com relação ao passado é o arrependimento. O indivíduo se angustia diante do castigo na medida em que ele é colocado numa relação dialética com a culpa, de modo que ele suporta o seu castigo, mas ao mesmo tempo se angustia pelo possível e pelo que pode vir a acontecer.

Para Kierkegaard, a angústia é o último estado psicológico que antecede o pecado. Ela se encontra entre a inocência e o salto qualitativo. Mas a angústia não se aproxima da decisão do salto, ela apenas se aproxima da possibilidade e da necessidade de escolher realizar o salto. Por isso, a angústia não explica o pecado, pois o que angustia não é o resultado, mas a possibilidade.

## 2.2. As consequências da angústia para a existência do indivíduo

Kierkegaard apresenta a angústia e a sua relação entre o bem e o mal, e a tomada de consciência do indivíduo que o leva a escolher um dos dois. O salto qualitativo foi o que

---

<sup>56</sup> FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Tradução de Ephraim F. Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 153.

<sup>57</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 99.

possibilitou e é o que ainda possibilita que o pecado adentre o mundo. Esse salto qualitativo é uma realidade que não é só um momento, mas uma realidade indevida que retoma a partir da angústia, a sua relação com o presente e com o futuro<sup>58</sup>. Quando essa realidade surge, a angústia do nada se torna algo determinado, pois agora o homem conhece a diferença entre o bem e o mal. A partir daí o homem passa a se angustiar diante dessas duas possibilidades, e não mais diante do nada. Kierkegaard afirma:

Quando o pecado é posto no indivíduo, pelo salto qualitativo, aí se coloca a diferença entre bem e mal. Nós em lugar nenhum incorremos na estupidez de achar que o homem tem de pecar, sempre protestamos, pelo contrário, contra todo saber apenas experimental, e afirmamos, o que agora tornamos a refletir, que o pecado pressupõe a si próprio do mesmo modo como a liberdade, e não se deixa por meio de algo antecedente<sup>59</sup>.

O pecado ao se tornar uma realidade, isto é, ao adentrar no mundo, ele deixa de ser uma possibilidade e passa a ser uma realidade indesejável pelo humano, por isso é necessário abolir essa realidade. Essa abolição se dá pela angústia. O pecado traz consigo consequências que a liberdade estranha. Essas consequências se tornam presentes e criam uma relação com a angústia do indivíduo, pois no futuro essas consequências serão uma possibilidade de um novo estado para esse sujeito, mesmo que seja indesejado. Para Kierkegaard, quanto mais fundo o indivíduo puder ir, mais ele pode afundar-se, e esse “pode” é o objeto da angústia. Quanto mais a angústia se enfraquece, maior será a consequência do pecado presente no interior do indivíduo, tornando assim o pecado parte do indivíduo<sup>60</sup>. Deste modo, o pecado deixa de ser algo metafísico e abstrato e passa a ser algo concreto.

Kierkegaard afirma que o pecado é uma realidade injustificada, considerada pelo indivíduo como realidade no arrependimento. Entretanto, segundo o autor, o arrependimento não leva à liberdade, já que a culpa está presente no arrependimento. Posto isto, a angústia é reduzida a uma possibilidade em relação ao pecado à medida que o arrependimento não anula de forma alguma o pecado, mas é apenas uma lamentação por ele<sup>61</sup>.

Como consequência de o arrependimento não eliminar o pecado, o indivíduo é levado a vivenciar as consequências que o deixam longe da liberdade. A angústia se faz presente

---

<sup>58</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 121.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 119.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 121.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 123.

na consequência, pois ela é possibilidade de um novo estado de vida que o indivíduo ainda não sabe o que pode ser. A consequência é percebida pelo arrependimento como um castigo e a perdição como uma consequência do pecado. Nisto consiste a afirmação de Kierkegaard em que o arrependimento enlouqueceu o indivíduo, pois, a angústia ao tirar as forças do arrependimento, ele percebe que não tem mais forças e que será levado por toda a sua existência, em direção à sua condenação<sup>62</sup>.

Kierkegaard enfatiza que esse arrependimento, ou o enlouquecer do arrependimento, trata-se de uma questão pertencente à psicologia. Isso porque para a ética, a questão está em deixar o indivíduo posicionar-se com relação ao pecado, e depois de posicionado, seu pecado recebe uma punição. O que leva esse ponto de vista à dogmática<sup>63</sup>. A partir disso, Kierkegaard evidencia que a fé é a única arma capaz de combater a ambiguidade e o olhar mortal da angústia. Quando o indivíduo está submerso no pecado, ele está repleto dessa angústia diante do mal. Com isso, Kierkegaard afirma que “a escravidão do pecado é uma relação forçada com o mal”<sup>64</sup>, pois naturalmente tudo surge no bem e é por isso que o indivíduo se angustia quando se encontra diante do mal.

O homem cai em ruínas se a sua angústia não se relaciona com a fé. Surge aqui a angústia que Kierkegaard chama de demoníaca, a angústia diante do bem, que se opõe à escravidão do pecado, isto é, a não-liberdade que quer extinguir-se por si mesma. Na angústia demoníaca, o indivíduo quer deixar o pecado para se tornar livre. Este estado expõe de forma involuntária aquilo que está no mais íntimo do indivíduo e isso o deixa em estado de aborrecimento. Kierkegaard afirma:

Na inocência, a liberdade não estava posta como liberdade, sua possibilidade na individualidade era angústia. No demoníaco, a relação está invertida. A liberdade está posta como não liberdade; pois a liberdade está perdida. A possibilidade da liberdade é aqui de novo angústia. A diferença é absoluta, pois a possibilidade da liberdade apresenta-se aqui em relação com a não liberdade, a qual é diametralmente oposta à inocência, que é uma determinação rumo à liberdade<sup>65</sup>.

Percebemos, portanto, que o demoníaco é a relação forçada com o bem, se manifestando fortemente a partir dessa relação. No demoníaco, o indivíduo está no mal e se angustia quando se encontra diante do bem. Nesse caso, o bem é a liberdade, a

---

<sup>62</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 125.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 134.

redenção, a salvação. Enquanto o mal é a não liberdade, é a escravidão do pecado<sup>66</sup>. Há inúmeras possibilidades de manifestações da não-liberdade nas diversas esferas do ser humano, seja corpórea, psíquica ou espiritual. Mas mesmo que essas manifestações se deem apenas em uma dessas esferas, o seu alcance é tão grande que pode ser sentido pelas outras. Portanto, da mesma forma que podemos considerar que todos os homens são pecadores, também é necessário reconhecer que a não-liberdade deixou muitos rastros em todos os seres humanos. De forma paradoxal, a liberdade reside no fato de que pela angústia o indivíduo pode ser conduzido à salvação por meio da fé.

### **3. A angústia salvífica por meio da fé**

Depois de entendermos as consequências da angústia na vida do indivíduo, veremos agora como Kierkegaard apresenta a angústia que pode salvar por meio da fé. O autor parte do pressuposto de que Deus é a base da síntese entre finitude e infinitude. Deste modo, a fé é o elemento que coloca a finitude e a infinitude na relação adequada, e, portanto, é o que dá unidade à pessoa<sup>67</sup>.

Kierkegaard afirma que é necessário que o homem aprenda a angustiar-se, pois aprendendo isso, ele encontrará sentido na angústia e deixará de se sentir um ser vago ou perdido na existência, seja por nunca ter vivenciado a angústia ou por ter ficado submerso nela. Por isso, o indivíduo que aprende a angustiar-se, encontra o que há de mais grandioso e sublime<sup>68</sup>.

O autor apresenta que os animais e os anjos não possuem a mesma capacidade do ser humano de angustiar-se. Esse estado é uma característica apenas no ser humano, pois, como já apresentado anteriormente, este é uma síntese, e quanto mais o homem se angustia, maior ele é. Entretanto, não se pode perceber a angústia como algo externo, mas no sentido interno, pois cada indivíduo produz a sua própria angústia a partir dos nossos desejos e das proibições que nos são impostas<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso, p. 130.

<sup>67</sup> ROOS, Jonas. *10 lições sobre Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (Coleção 10 lições), p. 69.

<sup>68</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 168.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 168.

Ao afirmar que a angústia é a possibilidade de liberdade, Kierkegaard assegura que a angústia faz o ser humano totalmente livre. No entanto, essa liberdade só acontece por meio da fé, pois, ao passo que a fé possui parte do seu movimento no abandono da finitude em direção à infinitude, ela possui uma grande relação com a angústia e com a possibilidade. Quando a união desses elementos é bem estabelecida, a angústia é formadora do indivíduo. “Somente essa angústia é, pela fé, absolutamente formadora; à medida que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões”<sup>70</sup>. A possibilidade então esgota a finitude. Kierkegaard acrescenta que aquele que é formado pela angústia, também é formado pela possibilidade. Sendo formado pela possibilidade, ele também é formado segundo a sua infinitude, fazendo com que a possibilidade de escolha seja a mais dura de todas as categorias. Mas para que o indivíduo seja formado desse modo, é necessário que a angústia tenha uma relação com a fé. Kierkegaard aponta:

Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absoluta e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade e ter a fé. Por fé compreendo aqui o que Hegel, à sua maneira, em algum lugar, corretissimamente, chama de a certeza interior que antecipa a infinitude. Se forem administradas ordenadamente as descobertas da possibilidade, então a possibilidade há de descobrir todas as finitudes, mas há de idealizá-las na forma da infinitude, e há de mergulhar o indivíduo na angústia, até que este, por sua parte, as vença na antecipação da fé<sup>71</sup>.

As coisas finitas podem ser administradas, ao contrário da possibilidade. Por isso que, para Kierkegaard, o ser humano não deve se angustiar pelas coisas finitas, pois somente quem passou pela angústia da possibilidade é que está formado para vivenciar a angústia. Aquele que ao contrário, não se deixa educar pela possibilidade e a engana, esse jamais encontrará a fé, e sua fé o torna apenas perspicaz em relação à finitude<sup>72</sup>.

A infelicidade suscita no homem a maior de todas as esperanças. Porém, aquele que adentra a infelicidade, mas teve uma má relação com a possibilidade, esse jamais se encontrará, já que perdeu tudo que tinha. No entanto, se esse homem foi honesto com a possibilidade que queria lhe educar, não enganou a angústia que quis salvá-lo, então recebe de volta tudo o que ninguém mais conseguiu reconquistar, mesmo que já tenha recebido tudo de forma multiplicada, isto é, em uma intensidade muito maior, pois todo seguidor da possibilidade ganha a infinitude e ao mesmo tempo finda a finitude<sup>73</sup>.

---

<sup>70</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 169.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 171.

<sup>73</sup> Ibidem, p. 172.

A angústia leva as pessoas a aprofundar-se cada vez mais nela. No entanto, quando o indivíduo é formado pela possibilidade, deve saber mergulhar, mas ao mesmo tempo saber também sair dela. Com isso, a angústia se torna um espírito que serve o indivíduo, mas que não deixa de acompanhá-lo, para onde ele for. Aquele que mergulha na possibilidade sente vertigens no olhar, sem saber onde ir e o que fazer. Se o indivíduo é educado pela angústia, então ela o salva levando-o ao caminho da fé; mas se não é educado pela angústia, ela não o pode salvar, então esse indivíduo é levado ao suicídio<sup>74</sup>.

Aquele que não quer se afundar na miserável finitude, é convidado a seguir a orientação da possibilidade e se lançar na infinitude, pois, o indivíduo necessariamente precisa ter uma relação com o infinito. Kierkegaard afirma que é por meio da fé que aprende-se com a angústia a repousar na Providência. Quem vive na finitude não aprende a angustiar-se, ao mesmo tempo, quem vive na infinitude não é afetado pelas angústias da vida finita, pois aprendeu a angustiar-se, a entrar e sair dela renovado, com aprendizado. Da mesma forma em relação à culpa, não se encontra uma solução para a culpabilidade no finito, mas aquele que foi formado pela angústia encontrará descanso na redenção, isto é, no infinito<sup>75</sup>. A partir desse ponto Kierkegaard afirma que não se pode mais trabalhar a angústia a partir da psicologia, mas agora precisa entregar esse estado de vida para ser debatido pela dogmática.

## Conclusão

Este trabalho teve como objetivo analisar o conceito de angústia de Kierkegaard, tendo como principal fonte a obra *O conceito de angústia*. Partindo da sua ética, Kierkegaard defende a existência como um contínuo devir, no qual o indivíduo manifesta a sua singularidade. Foi ele o primeiro e mais influente filósofo da corrente existencialista<sup>76</sup>. O autor afirma que tanto o nosso interior, como o mundo exterior, são repletos de possibilidades. No entanto, sendo um constante “vir a ser”, o ser humano tem a possibilidade de tornar-se um indivíduo singular. Para isso, é necessário tomar decisões diante das possibilidades, pois só assim conseguirá fazer a experiência de si mesmo.

---

<sup>74</sup> KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 2015. (Vozes de bolso), p. 172-173.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 175-176.

<sup>76</sup> GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975. p. 5. *Helleniká – Revista Cultural, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 61-81, jan./dez. 2022*

Kierkegaard se opõe às ideias muito presentes na sua época a respeito da objetividade. O autor defende a subjetividade, na qual o indivíduo encontra a sua dimensão interior e particular. Ele faz uma crítica à visão de Hegel ao afirmar que não se pode entender a vida a partir da objetividade, isto é, por meio de conceitos abstratos e sistematizados. Cada indivíduo entende a vida por meio da sua particular subjetividade. O indivíduo é aquele que possui o conhecimento de si mesmo.

A angústia é uma aflição, um medo provocado por algo ausente e desconhecido. Por isso que as possibilidades angustiam. Percebe-se que para o autor a angústia é parte constitutiva do ser humano, pois a partir dela o homem tem conhecimento de si mesmo como participante da história e assim pode se autoconstruir. Kierkegaard considera a angústia algo decisivo na vida humana, até o momento em que tira de si essas amarras. O ser humano é totalmente responsável por suas escolhas, tem a liberdade de escolher, mas ao mesmo tempo é frágil e suas possibilidades de escolhas também, por isso é muitas vezes dominado pela angústia.

A angústia está presente em todos os momentos da vida, já que o ser humano está constantemente diante de infinitas possibilidades de escolhas e isso gera medo de perder algo ou de errar em suas escolhas, pois sabe-se que toda ação requer uma consequência e também por não saber se essas possibilidades são boas ou não. Até mesmo a existência é uma possibilidade, pois a qualquer momento tudo pode acabar. A angústia é constante em sua vida, e, por vezes, desorienta, uma vez que vem acompanhada de um turbilhão de emoções.

Para Kierkegaard, o ser humano surge em um estado de inocência, sem saber diferenciar o bem do mal, mas o primeiro salto qualitativo se dá quando ele reconhece a sua culpa, e aí ele não é mais inocente. Mas nesse estado de inocência a única coisa que existe é um grande nada que o angustia por não ter uma direção para ir. Outro ponto importante é que quanto mais algo é proibido, mais gera a angústia de poder realizar determinado ato, assim encontrado no relato de Gênesis 3. Essa é a angústia que surge da possibilidade de liberdade. Ao mesmo tempo, existe também a possibilidade de ser punido, e isso também gera medo e angústia.

Percebe-se que o homem possui uma relação entre o temporal e o eterno, na medida em que, ao nascer, o homem se torna um instante diante da infinitude, criando assim um antes e um depois desse acontecimento. No entanto, a angústia não pode surgir do passado, ela surge somente do que está por acontecer. A angústia só tem relação com o passado se determinado acontecimento puder acontecer novamente, caso contrário, o

único sentimento possível é o arrependimento. Esse arrependimento também pode gerar angústia à medida que o homem não quer recair no mesmo pecado, mas quer tornar-se livre. Sendo assim, o arrependimento é mais uma possibilidade que gera angústia.

Kierkegaard defende que a angústia que se encontra no pecado ou na culpa é uma não-liberdade, e para que o indivíduo se torne livre, é necessário ter uma relação com a fé. A fé é o que coloca finitude e infinitude em uma relação adequada, porque Deus é a base dessa relação.

É preciso saber angustiar-se. A angústia sendo possibilidade de liberdade, torna o indivíduo livre. Mas essa liberdade só se dá mediante a fé. A angústia que possui relação com a fé, educa o indivíduo à medida em que ele é formado pela possibilidade e conseqüentemente é também formado pela infinitude. Quem é educado pela infinitude, passa pela angústia da finitude, sem ser afetado por ela. A partir disso, pode-se concluir que o ponto culminante da filosofia de Kierkegaard se dá na fé.

Portanto, entende-se que pela dor o homem descobre a sua interioridade e aprende a lidar com ela a partir da angústia. Por isso, é necessário olhar para a angústia como algo que educa, que ensina a lidar com as diversas possibilidades da vida, e não somente como um sentimento ruim que traz sofrimento. Ao se deixar levar pela ansiedade, ela se torna algo ruim que domina, mas quando se aprende a lidar com ela, pode ser muito útil. No entanto, esse processo só é possível mediante a fé, que leva a experienciar a infinitude.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução de António Ramos Rosa, António Borges Coelho e Armando da Silva Carvalho. 5. ed. Lisboa: Presença, 2000. v. 8. (Coleção história da filosofia)

CAMPOS, F. V. O conceito de angústia como reflexão filosófica sobre a liberdade humana. *Sapere Aude*, v. 8, n. 15, p. 187-210, jul. 2017.

FARANCO, France. *Compreender Kierkegaard*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

GÊNESIS. In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1975.

Gramática.com. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-angustia/#:~:text=A%20palavra%20E2%80%9Cang%C3%BAstia%E2%80%9D%20t em%20a,%2C%20oprimir%2C%20apertar%20a%20garganta>. Acesso em 18 set. 2020.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Vozes de bolso)

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Pós-escritos às migalhas filosóficas*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Temor e tremor*. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: Ediouro, 2018.

LEITE, Sonia. *Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Coleção passo a passo).

PRADEAU, Jean-Fraçois. *História da filosofia*. Tradução de James Bastos Arêas e Noéli Carreira de Melo Sobrinho. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROOS, Jonas. *10 lições sobre Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. (Coleção 10 lições)

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo Dicionário Latino Português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SOLÉ, Joan. *Kierkegaard: o primeiro existencialista*. São Paulo: Salvat, 2015.

VIEIRA, Agnaldo da Silva. *Fé e política em Kierkegaard, à luz da sua obra “temor e tremor”*. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em teologia) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017.